

COMPARANDO FORMAS DE SE 'IMAGINAR' E 'NARRAR' A NAÇÃO DAS AMÉRICAS: AS EXPERIÊNCIAS ARGENTINA, BRASILEIRA E NORTE-AMERICANA.

Aluno: Uther Maia da Silva

Orientador: Marco Antonio Villela Pamplona

Introdução

No cenário internacional do fim do século XIX, os Estados nacionais americanos pretenderam forjar uma imagem de soberania, civilização, e coesão, tanto territorial quanto administrativa, assim como de estabilidade dessas virtudes políticas, a fim de, no então concerto das nações, se imporem como Estados autônomos e fortes. As conferências e congressos internacionais, de fins do século XIX até os primeiros anos após a virada do século, foram marcados por diversas discussões sobre as questões que envolviam a união destes estados americanos em função de uma nova independência em relação à Europa, e sobre a forma que assumiria esta nova organização de Estados. No âmbito mundial, ou mais especificamente na Europa, tais conferências tiveram importância fundamental para a resolução e conciliação de conflitos políticos e para o estabelecimento das bases do direito de arbitragem entre os Estados. Neste contexto, a formação de uma imagem do Brasil como também país industrial, civilizado e republicano, se viu fortalecida com o aparecimento do seu corpo diplomático, bem desenvolvido à época e um tanto pioneiro, do ponto de vista da sua institucionalização e formação de quadros.

Objetivos

É nosso objetivo compreender de que forma este corpo diplomático, por meio de suas atuações em encontros internacionais de diplomacia, constituiu uma sua representação do Estado brasileiro, recentemente republicano, como depositário da confiança das ditas grandes nações. Queremos nos indagar sobre a visão destes membros do Ministério das Relações Exteriores a respeito da organização política do Brasil e sobre a maneira como percebiam a própria imagem que vinham construindo sobre a Nação. Paralelamente queremos saber que medidas concretas foram tomadas de modo a tornar o Brasil mais participativo nas decisões internacionais sobre as grandes questões de arbitramento territorial entre os países da América do Sul.

Metodologia

O trabalho se guiará pela análise das correspondências trocadas entre o Ministro das Relações Exteriores, o barão do Rio Branco e três importantes personalidades diplomáticas do Brasil, no período de 1904-10: Rui Barbosa, Joaquim Nabuco e Oliveira Lima. Todos foram homens influentes em seus círculos políticos locais, sendo notadamente reconhecidos como intelectuais. A escolha destes homens por Rio Branco, além de ser reflexo da política elitista das primeiras décadas da República, com cargos dominados por uma aristocracia política herdeira das posições e instituições do Império, era um dos grandes trunfos nas reuniões internacionais. Homens letrados, com anos de vida na Europa, e Estados Unidos, estavam capacitados como intelectuais a discutir em pé de igualdade com os delegados de outras nações, sendo exemplos de como o Brasil podia ser considerado, em um dado nível, equiparado às grandes nações, quanto ao avanço intelectual e civilidade de suas elites. Lembremos que o esforço de europeização e civilização era dirigido a outros setores nas principais urbes do país. Data do mesmo período, a reurbanização feroz da capital federal,

medidas de saneamento e de estabelecimento da ordem pública que, a partir de uma organização do espaço inspirada na idealização das metrópoles européias, se encarregariam de tornar o Rio de Janeiro uma vitrine de civilização para o país.

Relacionando a implementação de tais medidas com as idéias de E. Hobsbawm e B. Anderson, respectivamente sobre “as tradições inventadas” e a “comunidade imaginada”, é fácil perceber a idéia de “nação” como uma construção social. A utilização da Geografia para a dominação e delimitação do território, e da História para justificar a manutenção da linhagem deste território soberano através dos tempos, se encontram amplamente difundidas nessas correspondências. Há um esforço de continuidade com o papel do Império, ao corroborarem a fundação de mitos de origem, iniciados com a criação do I.H.G.B.

Finalmente, cabe dizer que, nas representações brasileiras nos congressos internacionais, além da preservação da soberania, os delegados também discutiram as doutrinas de Monroe e Drago, e a questão do arbitramento internacional. Discutia-se se deveria algum Estado ter o papel de interventor, se as nações deveriam ser classificadas entre grandes e pequenas em relação à representação política hemisférica etc. Nesse contexto, o Brasil buscava se fazer representar da melhor forma possível, com número igual de delegados, e com direito a voto similar ao sustentado pelas grandes potências.

Conclusões

Com base nas reflexões feitas a partir da correspondência pessoal e oficial de Rio Branco com estes três personagens, percebe-se uma grande personificação dos ideais que o Brasil buscava em representar às demais nações nas conferências internacionais. A ambição nacional era importante para eles, e contribuiria para o fortalecimento desta imagem nacional. O Brasil ao mesmo tempo em que buscava sua identidade, com a projeção e preservação de mitos fundadores, se inspirava na posição política e organização social de países europeus e norte-americanos. Ao estabelecer um corpo diplomático mais sólido e de carreira, algo pouco comum na América do Sul, o Brasil se queria equivalente aos grandes no concerto das nações, diferenciando-se, em grande medida, das repúblicas menores do continente, em relação às quais buscava se apresentar como liderança.

Referências

1 - ANDERSON, Benedict R. O' G. (Benedict Richard O' Gorman),; OLIVEIRA, Lólio Lourenço de. *Nação e consciência nacional*. São Paulo: Ática, 1989. 191 p.

2 - HOBBSAWM, E. J. *Nações e nacionalismo desde 1780 : programa, mito e realidade*. 4. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2004. 230 p.

3 - PAMPLONA, Marco Antonio Villela. *Revoltas, repúblicas e cidadania*. Rio de Janeiro: Record, 2003. 316 p.